

Assinatura do acordo gera um mercado secundário de "relending"

por Mara Luquet
de São Paulo

A expectativa para a assinatura do contrato de renegociação da dívida externa brasileira nos próximos dias pelo ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, fez nascer no País o mercado secundário de direitos de "relending". Conforme informaram alguns bancos credores do Brasil, a cotação para esse direito está girando em torno de 2 a 3% do valor da operação.

O mercado começa a se movimentar nesse sentido porque o contrato de renegociação da dívida prevê a volta do "relending", ou seja, o reemprestimo de dívidas vencidas depositadas no Banco Central (BC), suspenso desde o ano de 1986. Só que pelas cláusulas do contrato, nos três meses seguintes cada banco credor ficará limitado a uma cota de reemprestimo no valor de US\$ 5 milhões.

PROJETOS

"Para o setor privado o "relending" significa a volta dos financiamentos a longo prazo", diz o diretor do Banco de Investimento Finacorp, Silvio Sant'Anna. Portanto, na opinião do diretor do Finacorp, o volume de recursos fixados pelo BC não será suficiente para atender à demanda, "o mercado está carente e precisa de financiamentos a longo prazo", comenta

Sant'Anna. Segundo as regras do BC, no próximo ano, o volume para os reemprestimos interno não poderá ultrapassar US\$ 1,5 bilhão, e para 1990 o limite será de US\$ 1,55 bilhão.

Atualmente o diretor do Finacorp, associado ao argentino Banco do Rio de La Plata, busca parceiros para atuarem em duas operações de "relending" intermediadas pelo Finacorp. "Estamos com dois projetos que totalizam US\$ 50 milhões e já conseguimos reunir cinco bancos interessados em participar da operação", conta Sant'Anna. Conforme explica, os projetos estão direcionados para o setor comercial e químico.

CITIBANK

O maior credor do Brasil, o Citibank, também tem projetos para "relending", mas para Antônio Boralli, diretor-superintendente de negócios corporativos do Citibank, "é preciso que o acordo seja finalizado para que as negociações sejam finalizadas e então comentadas".

Boralli diz que a política de conversão do Citi não mudou e "para efeito de conversão de créditos próprios estamos analisando projetos com dívidas a vencer". Para participar do leilão, submetendo-se portanto aos deságios, o diretor do banco diz que o Citi só atua como intermediário de clientes.